



IZABEL RIBEIRO GIUBERTI

O MENINO PERDIDO: um caso clínico

Monografia

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-RIO como requisito parcial para obtenção do grau de especialização em Psicologia Clínica.

Orientador (a): Prof. Vanisa Maria da G. M. Santos

Volume I

**Rio de Janeiro
Janeiro de 2017**



O MENINO PERDIDO: um caso clínico

Monografia

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-RIO como requisito parcial para obtenção do grau de especialização em Psicologia Clínica.

Prof (a). Vanisa Maria da G. M. Santos

Orientadora
Departamento de Psicologia

Rio de Janeiro, 30 de Janeiro de 2017

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

IZABEL RIBEIRO GIUBERTI

Graduou-se em Psicologia na UVV - Universidade de Vila Velha/ES em 2015. Cursou Pós-Graduação de Psicologia na área de Psicologia Clínica na PUC-Rio em 2017. Atua na área clínica como psicanalista.

Giuberti, Izabel Ribeiro

O menino perdido: um caso clínico / Izabel Ribeiro Giuberti; orientadora: Vanisa Maria G. M. Santos. – Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Psicologia, 2017.

v., 100 f.: il. ; 29,7 cm 1.

Monografia (pós-graduação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia. Inclui referências bibliográficas. 1. Introdução. 2. A clínica psicanalítica com crianças: algumas considerações 3. O menino perdido: um caso clínico 4. A constituição do sujeito na psicanálise: o sujeito e o Outro I. Giuberti, Izabel R. (Izabel Ribeiro). II Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. O menino perdido: um caso clínico.

Dedico à Kilza.

Agradecimentos

À minha mãe Kilza pela confiança, o amor e por me incentivar a buscar os meus sonhos.

À memória do meu pai Raul Ângelo, grande exemplo da minha vida. Estará sempre no meu coração.

À minha madrinha Kátia por me fazer acreditar que eu posso percorrer os caminhos que eu quiser, buscando o melhor para minha carreira profissional. Obrigada pelo cuidado e carinho de sempre.

Aos meus irmãos, primos e familiares que mesmo de longe estavam torcendo e acreditando na minha trajetória.

À Vanisa Maria da Gama Moret Santos pelos ensinamentos nesse período de supervisão e a orientação neste trabalho, verdadeiras aulas de grande contribuição para minha escuta clínica.

Aos professores e mestres, Maria Anita Ribeiro, Maria Helena Martinho, Glória Sadala, Vera Pollo e Elisabeth Miranda, que foram fundamentais neste percurso. Obrigada pelas aulas fantásticas que vocês me proporcionaram.

Às minhas amigas do Espírito Santo, que não deixaram a distância ser empecilho na nossa amizade, obrigada pelas risadas, pelas visitas e por me apoiarem sempre.

Aos meus colegas da PUC, obrigada por compartilhar momentos de profunda imersão na Psicanálise. Em especial, agradeço aos amigos: Morgana, Isabella, Danielle, Luís, Alanna e Dirce, pelos encontros, as conversas e o acolhimento de vocês.

À minha prima e amiga Juliana Faria, por me acompanhar nesta jornada de novos desafios, me apoiando e incentivando. Obrigada pela amizade e parceria.

Resumo

O trabalho a seguir busca compreender como se dá a clínica psicanalítica com crianças por meio de um relato de experiência. Será apresentado um caso clínico atendido durante o período da pós graduação realizado no Serviço de Psicologia Aplicada da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, (PUC - Rio). Para tal discussão será utilizado o suporte teórico psicanalítico freudiano, pós-freudiano e lacaniano através da revisão de literatura. Visando os estudos da psicanálise com crianças este trabalho trará o embasamento teórico sobre a constituição do sujeito e seu sintoma.

Palavras-chaves: Psicanálise com criança; Caso Clínico; A constituição do sujeito.

Abstract

The following work seeks to understand how the psychoanalytic clinic with children occurs through an experience report. A clinical case will be presented during the postgraduate period at the Applied Psychology Service of the Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro (PUC - Rio). For this discussion will be used the theoretical support Freudian psychoanalytic, post-Freudian and Lacanian through literature review. Aiming at the studies of psychoanalysis with children, this work will provide the theoretical basis on the constitution of the subject and its symptom.

Key words: Psychoanalysis with child; Clinical case; The constitution of the subject.

Sumário

1. Introdução	10
2. A clínica psicanalítica com criança: algumas considerações	12
3. O menino perdido: um caso clínico	15
4. A construção do sujeito na psicanálise: a criança e o Outro	20
5. Conclusão	24
6. Referências	26

*"Ah, bruta flor do querer, ah, bruta flor, bruta flor
Onde queres o ato eu sou o espírito
e onde queres ternura eu sou tesão
Onde queres o livre decassilabo
e onde buscas o anjo eu sou mulher
Onde queres prazer sou o que dói
e onde queres tortura, mansidão
Onde queres o lar, revolução
e onde queres bandido eu sou o herói"*

O querer – Caetano Veloso

1**Introdução**

A proposta deste trabalho é compreender a importância da clínica psicanalítica com crianças e articular a questão sobre a constituição do sujeito desejante com sua dinâmica familiar. Para isso, o trabalho conta com a apresentação de um caso clínico atendido a partir da escuta psicanalítica lacaniana, realizado no Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade Pontifícia Católica do Rio de Janeiro, permitido pelo programa de pós graduação em Psicologia Clínica.

Além disso, delimitou-se na revisão de literatura a leitura e pesquisa em livros, textos e artigos científicos. Com contribuições conceituais de autores pós-freudianos que discutem a constituição do sujeito desejante, na perspectiva lacaniana em seu retorno a Freud e a articulação com a questão da prática analítica com as crianças.

Inicialmente será apresentada algumas considerações teóricas sobre a clínica com crianças. Em seguida será trazido o relato de experiência "O menino perdido: um caso clínico". Posteriormente será abordado a questão da constituição do sujeito na psicanálise.

Interessa pensar como a clínica psicanalítica com crianças colocou questões específicas sobre a constituição do sujeito e a prática analítica e como alguns autores pós-freudianos responderam teoricamente a tais desafios clínicos, visto que o próprio Freud, apesar de teorizar sobre a infância e proceder com a análise de Hans, não exerceu amplamente a clínica com crianças.

A clínica psicanalítica se constrói com base na transferência, na interpretação, no ato e na teoria do analista. O trabalho na clínica só é possível a partir da ética e do desejo do analista, que se dispõe no lugar de sujeito suposto saber, que surge quando o analisante supõe um saber ao analista sobre o seu desejo, causando a transferência (ARAGÃO, 2013).

No tratamento da criança, é comum o acolhimento dos pais e a escuta dos mesmos. Nota-se que, muitas vezes, a criança além de seus impasses com a sexualidade e com as questões que lhe produzem enigma, ainda está fortemente vinculada ao campo relacional de sua constituição como sujeito, ou seja, como

suas questões e sofrimentos, bem como a produção de seus sintomas estão ligados ao contexto familiar.

Freud (1996/1924) já havia indicado a importância do complexo de Édipo e sua dissolução na constituição infantil como elemento fundante e organizador do funcionamento psíquico e como este traduz-se como produção relacional.

Posteriormente, diante das contribuições lacanianas, pôde-se teorizar a constituição do sujeito desejante, a partir da noção de Outro, forjada por (Lacan, 1988) para explicitar como nossa constituição humana passa pelas redes da linguagem.

Desta forma, apontar o trabalho na clínica com crianças requer considerar fundamentalmente aquilo que a constitui em suas redes de relações com aqueles que exercem as funções de cuidado, inserindo-o numa rede simbólica de significações, história e nomeações.

Desenvolvimento

2

A Clínica Psicanalítica Com Criança: algumas considerações

A psicanálise com crianças estuda o lugar e a importância que os pais ocupam no tratamento do filho já que, normalmente na clínica, são eles que demandam atendimento para a criança. Desde o início da clínica psicanalítica se destaca a preocupação sobre o lugar dos pais nos atendimentos da criança (FERRARI, 2012)

A criança não pede para ir ao analista, a demanda inicial normalmente é dos pais que procuram uma solução para os sintomas dos filhos. Em muitos casos a criança representa o sintoma da família, com isso, o analista deve contribuir para que a criança construa os próprios sintomas. (DUARTE, 2001).

A prioridade desta clínica é a escuta do discurso das crianças, livres de seus pais dos quais não são meros apêndices e aos quais respondem (Martinho, 2001). É importante que o analista saiba como manejar a interferência dos pais na análise dos filhos, pois não há apenas um discurso a ser ouvido.

O autor (Freud, 1996/1909) no caso Hans, relata que a análise da criança, através de cartas, foi possível somente porque teve intermédio e o comprometimento do pai, ou seja, o contato entre o analista e o pai da criança.

Nesse sentido, segundo (Ferrari, 2012), Anna Freud, em suas conferências, sobre o desenvolvimento da clínica com crianças, aponta que um fator para o tratamento é a transferência. Os pais, geralmente, desenvolvem resistência e dificuldades quanto ao tratamento da criança e, o laço transferencial é o que integra a família ao tratamento. Anna Freud, também traz que quando a resistência advinda dos pais é presente deve-se abrir um espaço de escuta e aproximação para trabalhar com os pais da criança.

Bleichmar (1988, citado por Ferrari, 2012), faz uma retrospectiva da psicanálise com criança e mostra que nos anos setenta a concepção lacaniana sobre a constituição do sujeito fez uma crítica das correntes teóricas que compreendiam a criança como depositório das neuroses parentais. Tais

compreensões acabaram por produzir práticas analíticas com crianças que pautavam-se em longas entrevistas com os pais, pois supunham que a sintomatologia neurótica ou psicótica da criança não lhe pertencia.

Em afirmação ao pensamento lacaniano, Mannoni (1976, citado por Ferrari, 2012), considera que a psicanálise de crianças é psicanálise, propondo então que o foco da análise se volte para o trabalho com a criança em si. Mesmo quando o analista procure compreender qual é o lugar que a criança ocupa na relação parental.

De acordo com a clínica com crianças de Françoise Dolto, Miranda (2001), entende que esta clínica impõe questões relativas à interpretação, no qual os efeitos estão ligados ao gozo que transcende à um sintoma, indicando no sujeito a posição subjetiva na estrutura.

Desde os primeiros trabalhos psicanalíticos com crianças a questão sobre os limites de atuação junto aos pais sempre esteve presente, assim como no caso de Hans. Desse modo, a autora também afirma que as teorias sexuais infantis tentam dar conta, em parte, do fracasso da aposta narcísica dos pais em relação à criança (FERRARI, 2012).

De acordo com Dolto (1985), as crianças utilizam o vocabulário adulto para expressar suas experiências, sendo este vocabulário completamente pessoal e único, algumas delas criam um "código impenetrável". Cabe ao analista, decodificar este código, que muitas vezes será interpretado através de desenhos e brincadeiras. Neste sentido, a análise passa por possibilitar que a criança associe suas palavras com sua vida.

Conforme aponta a autora, quando se é analista de crianças, deve-se pensar em fazer com que a criança represente o que diz, de outra maneira que talvez não seja a fala. Devemos também buscar encontrar os afetos que cercam os desejos do sujeito, estes que foram recalcados pelo superego, imposto pelo meio social.

A psicanálise clínica trata o sujeito, sendo ele criança ou adulto, Martinho (2001) lembra que o que se trata é o sujeito do inconsciente, através de manobras da transferência, que permitem o ato analítico. O analista poderá assumir uma posição de reinventar a psicanálise através do ato e não na posição de saber.

Ao decorrer do processo de análise de uma criança, pode ser detectado o verdadeiro lugar da enunciação dos pais, possibilitando que a criança encontre seu

próprio discurso. A criança busca uma localização do desejo por isso dizemos que "o desejo é o desejo do Outro". (DUARTE, 2001. p. 66)

Apesar de serem os pais à levar as crianças, para que elas façam análise é preciso ter o desejo de saber. É fundamental a escuta do discurso dos pais, pois é a partir dele que o analista terá indicações sobre o Outro da criança, passando a saber agir no manejo da transferência. (DUARTE, 2001).

Explica, Martinho,

Como todo ser falante a criança se refere ao sujeito suposto saber, mas, se levando em conta sua posição de dependência com relação ao adulto, pra ela o adulto é que sabe. O que ela extrai como saber é a significação, em especial no que se refere o sexo e a morte. Essa significação diz respeito a questão do desejo, e os porquês da criança- dirigidos ao enigma presente nas lacunas do que o adulto enuncia - devem ser entendidos no sentido de um *che vuoi?*(MARTINHO,p. 75, 2001)

Os analistas não devem indicar ou responder ao analisante a partir de um saber, a resposta só poderá surgir através do ato analítico. Se ele ocupa um lugar de semblante do objeto *a*, na interpretação há possibilidade do saber vir no lugar da verdade do sujeito. Para Lacan a interpretação tem função de corte e se caracteriza pela escuta, em busca do sem sentido que se escreve, a castração. (MARTINHO, 2001).

Tendo em vista toda essa conjuntura que se estabelece a partir da importância que o outro parental tem na constituição da criança é que a psicanálise vai complementar como apoio à criança o atendimento a atenção aos pais. Às vezes, faz-se preciso retificar o outro que nomeia a criança. Assim, diante da avaliação do caso a caso, é plausível que na análise com crianças se inclua o trabalho com os pais (DOLTO, 1985)

Sendo assim, a partir da prática clínica proporcionada por esta pós-graduação, será apresentado um caso clínico que teve como base a escuta psicanalítica lacaniana, um relato de experiência que visa trazer elementos de associação e articulação teórica para a discussão da Psicanálise com crianças.

3

O menino perdido: um caso clínico

O presente caso que será apresentado é sobre um menino de oito anos, com dificuldades escolares. A criança é levada pela mãe para o atendimento clínico à pedido de sua professora do reforço pois estava muito inquieto em sala de aula, tirando notas baixas, que só pensava em brincar mesmo tendo o dia cheio de atividades escolares como o reforço pela manhã e a escola à tarde.

Nas primeiras entrevistas, a mãe, que será nomeada neste trabalho como Dona Jê, aparentemente desinteressada, disse que seu filho é um menino maravilhoso, obediente, que não dá trabalho, porém o problema dele é a escola. Então, acatando o pedido da professora, ela e seu esposo concordaram em procurar o atendimento psicológico para o filho que será identificado como Leandro.

Vindos de outra região brasileira em busca de uma vida melhor na cidade grande, Dona Jê e seu marido são casados há dez anos têm dois filhos. Ela parou de trabalhar pois tem que cuidar do filho mais novo de aproximadamente dois anos. Seu marido é porteiro, trabalha o dia todo e a noite cursa o Ensino Médio. Residem no mesmo local de seu trabalho, a família de quatro integrantes mora em um cômodo que é dividido por um armário, onde os pais dormem com o filho mais novo no "quarto" e Leandro dorme sozinho na "sala".

Durante os oito meses de atendimento, foram feitas várias entrevistas com Dona Jê, estabelecendo, desse forma um manejo de transferência imaginária com a mãe, o que possibilita mais à frente do tratamento a manutenção da criança nos atendimentos.

Em uma das entrevistas, a mãe conta com certo sofrimento sobre a gravidez de Leandro dizendo que esta não foi planejada. Na época o recém casal morava com parentes em uma comunidade do Rio de Janeiro, sendo que ao mesmo tempo Dona Jê acompanhava de longe a doença grave de seu pai, que faleceu de câncer após alguns meses do nascimento de Leandro. Por esta razão só amamentou por um mês, já que seu leite secou e disse: "foi um período muito difícil, talvez por isso ele seja assim, chorava muito quando bebê".

Em entrevista com o pai do paciente, Valdir, relata sobre sua infância roubada, dizendo que sofreu muito, pois não pôde brincar nem estudar quando pequeno, precisava trabalhar com o pai e os irmãos para ajudar no sustento da família. Estava muito preocupado pelo filho não querer levar os estudos a sério, pois "ele têm que ser alguém".

Portanto, gostaria de dar todas as oportunidades que não teve para seu filho, como estudar, por exemplo. E que se um dia ele escolhesse um caminho errado, saberia que fez de tudo para que isso não acontecesse. E se lembra que apesar de seu pai não ter podido lhe dar estudo, lhe ensinou a ser um homem honesto e, gostaria de poder transmitir isso aos seus filhos.

Nesse sentindo, quando o paciente chegou para a primeira sessão, a analista se apresentou e perguntou se ele sabia o que estava fazendo ali, disse que não, então foi explicado que seria um espaço para ele falar e ser ouvido. Inicialmente a analista foi chamada muitas vezes de professora, demonstrando o lugar simbólico em que a criança colocava a analista.

Logo, nas primeiras sessões o paciente fez uma cartinha endereçada a analista, representando o início da transferência analítica. Começou a desenhar figuras representativas dele próprio e de seu irmão, as vezes o pai era incluído, nesses desenhos Leandro e seu irmão eram representados usando vestidos, salvo o pai. Começou também a escrever histórias no quadro negro que havia na sala. A partir das histórias inventadas, Leandro criou um livro.

Leandro, escrevia no quadro e ditando a história pedia que a analista reescrevesse em seu livro, no qual nomeou de "O menino perdido". Uma história que se misturava com contos clássicos infantis como *João e o pé de feijão*, era carregada de monstros, guerras, guerreiros, gigantes, maldades, vilões e o mocinho. Em seu conto o mocinho sofria, lutava e sobrevivia ao gigante do mal que destruía tudo.

A partir do livro criado, as queixas e demandas da criança começaram a surgir em análise. Ela falava por meio da história, dessa forma vimos que nem sempre criança e pais possuem a mesma queixa. Portanto, é uma das atenções que se deve ter na prática da psicanálise com crianças.

Em uma determinada sessão enquanto ambos desenhavam, o analisante, ora Leandro, pediu que a analista olhasse para ele, a analista respondeu mas não olhou, com isso, a criança disse: "você está igual ao meu pai, diz que olha mais

não vê". Posteriormente se configurou que naquele momento a analista fez um ato quando não correspondeu à demanda do olhar da criança, que coloca a analista na posição subjetiva do pai. A partir desse momento, Leandro passa a querer mandar na analista, tenta destituí-la desafiando-a com inúmeras saídas da sala de atendimento para ir ao bebedouro no corredor próximo.

Após alguns meses em análise, a criança falta algumas sessões, quando a analista entra em contato com Dona Jê, é informada que seu esposo não quer que o filho vá mais às sessões. Dessa forma, foi marcado um horário para que pudessem conversar pessoalmente sobre a importância da análise para Leandro.

Na referida sessão, a mãe disse que o marido havia terminado os estudos e, agora seria "a vez dela" de estudar, muito animada com isso, explicou que não tinha mais como buscar o filho, mas que já tinha resolvido com o marido, dizendo que ela irá levar e o marido irá buscá-lo. Fala de suas preocupações com o filho pois ele está com notas baixas, principalmente em matemática e que a professora disse que é falta de atenção. Pergunta, se ela deve levar o filho ao médico para tomar remédio, com isso, foi sugerido que ela deveria dar mais uma chance ao filho sem dar medicamentos, aceitando a sugestão da analista, diz: "eu quero que ele venha até você achar que ele têm que vir".

A mãe que nunca apareceu nos desenhos da criança nem em suas questões, inicialmente desinteressada, durante o período de todo o atendimento é quem leva e mantém a criança na análise, procura se interessar pelos assuntos do filho e se preocupa com suas notas, também retoma os próprios estudos. E novamente a questão da aprendizagem aparece nesta família.

O paciente volta, será a primeira vez que a mãe não irá esperar pelo filho na sala de espera. Durante o atendimento, Leandro disse que queria desenhar e colar, então manda a analista fazer um desenho, a mesma diz que naquele dia quem iria desenhar seria ele e imediatamente Leandro abaixa a cabeça. O paciente cria um personagem chamado Bob para poder falar de seus sentimentos, estava chateado pois seu comando não foi aceito. Neste momento, a analista corta a sessão dizendo que nem sempre podemos fazer o que queremos.

No atendimento seguinte, ele pergunta se a analista levou seu livro de contas, livro que foi produzido em análise algum tempo atrás, nele contém contas matemáticas algumas corretas e outras não. Lembrando que não é papel analítico corrigir o sujeito. A analista questiona porque ele queria fazer contas, ele

responde: "por causa do meu pai, pra mostrar pra ele", "mas mostrar o que?", "as contas", "então conta!", em silêncio ele começa as contas em um papel e, diz para a analista copiar as contas que ele fez em seu livrinho.

Ao seguir com a sessão, de repente ele para as contas e sai da sala, a analista fica no mesmo lugar, em seguida chama por ela pelo nome, sem resposta o paciente volta e diz que estava chamando-a pois queria beber água, a analista diz que ele poderia ir beber água se quisesse, ele sai e novamente a chama, sem resposta volta dizendo que ela teria que ir com ele. Instantes depois a analista vai até o bebedouro e ele não está lá, percebendo que ele havia se escondido, a analista volta à sala e ele está esperando por ela, rindo diz: "te enganei".

Em seguida analista e analisante se sentam, Leandro pede para jogar jogo da velha, a partir deste momento foi dado início a um campeonato, ele saiu na frente ganhando, logo a analista empatou, visto que não estava ganhando mudou as regras do jogo para poder vencer. Nesse momento, encerrando o atendimento a analista faz um corte dizendo "desse jeito você sempre ganha".

A partir deste atendimento, pode-se dizer que houve uma virada na análise de Leandro. Foi iniciada uma série de sessões com campeonatos de jogos da velha e emocionantes jogos de futebol de papel, no qual ganhar era muito importante, tanto quanto, a analista não perder.

Tendo a informação que o futebol é uma paixão do pai, o analisante inventou um tipo de jogo de futebol com uma bolinha de papel, foram muitas sessões com inúmeras disputas entre Barcelona e Paris Saint-Germain, seus times favoritos. Na linguagem do futebol, muitos nomes de jogadores famosos, escalações completas dos times europeus, a analista é colocada como objeto no lugar simbólico do pai, aquele que olha mais nem sempre vê e que pode ganhar o jogo várias vezes mesmo perdendo.

Em uma das sessões de campeonato de futebol, a palavra falta se destacou. A analista pode perceber que durante o jogo se deu uma sucessão de faltas, a todo momento o analisante dizia que era falta e com isso tinha que repetir a sua jogada tentando fazer um gol. Dessa forma, a analista usou o significante falta introduzido pela criança, para promover o corte analítico.

Não se passa despercebido que o significante "falta" é recorrente na vida de Leandro. As questões da criança emergem a partir da falta, mas que falta é essa? a falta de atenção que a professora aponta na escola? a falta de atenção do

pai? ou a falta do próprio sujeito?. São enigmas do sujeito. De acordo com os atendimentos, o analisante apresenta de diferentes formas a demanda de amor ao pai, isso pode ser localizado quando ele compara a analista ao seu pai.

Ao longo das sessões foi apontado uma rivalidade com o irmão mais novo, no qual é interpretado pelo gigante do mal no conto "O menino perdido", faz com que Leandro busque a atenção que lhe é faltada. Agindo na escola, Leandro tira notas baixas. A falta do sujeito é ligada diretamente a sua castração. Mesmo a criança nunca ter apresentado a queixa da escola, sua falta da atenção é apontada para as notas que tanto preocupam os pais. Podemos considerar neste caso que o sintoma é sintoma da criança ligado à demanda de amor do pai.

No último atendimento clínico, a analista informa ao analisante que estava se mudando e por isso não poderia continuar os atendimentos, pergunta se ele gostaria de continuar indo na análise mesmo que com outra pessoa, ele concorda. Durante esta sessão ele questiona: "você nem falou nada", perguntado o que seria ele diz então que passou de ano em todas as matérias.

Como tratado acima, mesmo a escola não sendo sua queixa, pela primeira vez ele traz informações escolares dizendo com ar de satisfação que passou de ano. A partir da análise, Leandro foi capaz de falar sobre suas faltas através da escrita e do futebol. Deixou a falta de atenção de lado e provou sua conquista escolar no final do ano.

4

A Constituição do Sujeito na Psicanálise: a criança e o Outro

Um bebê quando nasce, precisa de cuidados para sobreviver, por isso na psicanálise afirma-se que não necessariamente nasce um sujeito. Dessa forma, a mãe do bebê e sua condição enquanto um ser falante e desejante, usa o bebê como um objeto para suprir seus desejos, fazendo do choro da criança, uma ação endereçada a ela (KAMERS & BARATTIO, 2004).

Nesse sentido, Kruehl (2007) explicita que a linguagem é considerada Outro (A) porque está aí antes do sujeito nascer e estará aí depois que ele morrer. Essa exterioridade do simbólico, conforme demonstra Lacan (1988), constitui a própria noção de inconsciente e articula-se diretamente à dimensão humana.

De acordo com Lacan (1964), a sexualidade se instaura no sujeito pela via da falta. A alienação de Lacan é a primeira operação da constituição do sujeito, uma escolha forçada, pois o sujeito só vai se constituir se tiver um S2, um outro significante, pois o S1 sozinho não têm sentido.

É na constituição subjetiva que o sujeito opera com os processos de alienação e separação, a criança se aliena ao lugar simbólico que é reservado ao seu nascimento. O momento de separação situa-se, na leitura lacaniana, por volta dos 3 anos, quando a criança entra na “fase dos porquês”, pois a criança situa o Outro como desejante, e, portanto, como faltante.

Segundo Lacan (1964), o processo de separação consiste no fato da criança oferecer a própria falta no lugar do Outro, esta operação representa a falta, o Outro aparece furado, há algo que cai.

A partir do recobrimento das duas faltas, a falta do sujeito e a do Outro, a do filho e a do pai no caso, surgirão os objetos de desejo, as trocas simbólicas fáticas, e a sexualidade (KRUEHL, 2007, p. 111).

Na infância as crianças começam a fazer suas escolhas. Escolhas de gozo, que determinarão sua estrutura, determinada pelo sintoma e pela fantasia dos pais. A diferença entre a criança e o adulto é o encontro no ato com o outro sexo. O gozo sexual no qual irá se deparar na adolescência (DUARTE, 2001).

O menino sai do Complexo de Édipo através da ameaça de castração do pai, quando o pai falha pode-se instaurar uma fobia como função de sustentar a lei do pai, e impedir que a mãe devore o filho, assim como aconteceu com o caso Hans em Freud (1909).

No complexo de castração a identidade sexuada do sujeito é tecida a partir do medo de perder para quem têm e naquele que não têm a vontade de tê-lo. É importante lembrar que o sujeito sexuado não é determinado através de sua anatomia (SOLER, 2005).

Segundo contribuições freudianas, quando os meninos se deparam com a diferença anatômica entre os sexos, supõem que apenas existem os órgãos sexuais masculinos, como os deles, pensam de distintas maneiras que a mulher perdeu o pênis, supondo que tal órgão ainda se desenvolverá. Só depois é que postulam que foram castradas as meninas e, após lutas internas (complexo de castração), o menino abandona essas ideias. Já a menina aceita a diferença genital, no entanto, é tomada por uma inveja do pênis, por um desejo de ser menino (FREUD, 1996/1925).

Além disso, Freud (1996/1905) descreve a pulsão de saber, que surge diante do enigma que a sexualidade produz para a criança e de sua constatação sobre a diferença sexual. O autor aponta que as crianças promovem verdadeira investigação sobre o enigma da origem dos bebês e da diferença sexual entre meninos e meninas, assemelhando-se a verdadeiros intelectuais. As teorias sexuais infantis revelam uma sede de saber.

As demandas indicadas à criança partem dos pais, mas também da sociedade em geral. Deste modo, a criança apresenta suas demandas e características de acordo com o contexto sociocultural, histórico e político, em que se insere (Finger, 2008). Corroborando com esta afirmação, no caso clínico apresentado pode-se observar que a queixa dos pais é diferente da demanda da criança.

Whitaker (2003) a partir das contribuições lacanianas aponta que há diferença entre sintoma da criança e sintoma do neurótico. O sintoma da criança vincula-se ao sintoma parental. Segundo ele, a cadeia significativa que é oferecida à criança está diretamente relacionada à verdade do casal.

O sintoma da criança, portanto, articula-se à verdade da mãe, ou ao seu fantasma, segundo a autora. Se pensarmos na inexistência do instinto materno, a criança só pode contar com alguém que desempenhe a função materna, incluindo aí toda a subjetividade inerente.

Nesse sentido, como condição para sua sobrevivência, é necessária a alienação da criança constituída na relação com esse Outro. Para que essa situação não se perpetue, porém, é necessária a operação de separação (WHITAKER, 2003).

Como todo sintoma, o sintoma da criança é a maneira de suprir a inexistência da relação sexual, segundo a autora Duarte (2001), corroborando com Lacan, afirma que o que está em jogo para a criança é a ausência de relação entre seu pai e sua mãe. Este sintoma seria uma resposta à carência paterna, um modo de se amparar o que diz respeito à castração

De acordo com (Aragão, 2013), o papel do analista é permitir que o paciente encontre seus meios para lidar com suas demandas e compreender seus desejos inconscientes. Na psicanálise com crianças, nem sempre se faz necessários jogos ou brincadeiras, no entanto, em alguns casos a brincadeira serve de instrumento de apoio para a criança, o importante é que a criança tenha livre escolha que possibilite suas associações. No caso citado neste trabalho, a escrita de um conto e o jogo de futebol foram fundamentais para o processo analítico da criança.

Na psicanálise observamos a relação do sujeito com o Outro e sua posição frente ao objeto de desejo. Na clínica com criança, o brincar é visto como um meio que proporciona a criança expressar sua subjetividade em diferentes formas de falar, sendo através de jogos, histórias, desenhos ou pela escrita, de acordo com cada criança. As produções construídas na análise com a criança podem indicar interpretações que permitem o sentido ao real do trauma (ARAGÃO, 2013)

O brincar como viés do inconsciente, transparece a verdade do sujeito e deve ser associado ao campo da articulação do significante, revelando conteúdos latentes, criando atalhos para que os sintomas sejam falados e simbolizados, para que haja a possibilidade de uma retificação subjetiva (ARAGÃO, 2013).

O sintoma é uma metáfora. (LACAN, 1969)

Tendo em vista o caso clínico acima, o analista deve se questionar sobre o sintoma da criança e sobre o que ele representa na estrutura familiar. Pensar a

criança sintoma do sintoma da criança é uma tarefa delicada, pois os pais levam os filhos com queixas complexas que se confundem. Algumas vezes, as manifestações sintomáticas reafirmam a incidência do desejo do Outro. O discurso dos pais pode agir sobre o filho que repete o que ouve de maneira eletiva (DUARTE, 2001).

Na Conferência de Genebra sobre sintoma, a autora afirma que Lacan (1975), ressalta que a infância tem importância fundamental na formação do sujeito. É o período em que se define sua estrutura e que se vislumbra a forma como sustentará seu sintoma. (DUARTE, 2001)

Nesse sentido, nas três estruturas clínicas: neurose, psicose e perversão, os sintomas emanam a maneira de como a linguagem emerge em cada sujeito falante, já que ela antecede o sujeito. O bebê nasce rodeado por significantes oriundos do Outro primordial, a mãe ou um substituto, mas não se sabe por que ele consente ou não em se apoderar desses significantes (DUARTE, 2001).

Conclusão

A produção de Leandro faz dele um escritor, escritor da própria história. A criança se utiliza de construções e invenções para trazer a verdade do sujeito. No texto "O ato da escrita", Pollo (2013) traz a analogia freudiana de que a tinta que escorre sobre a folha em branco é libido que escorre sobre o corpo.

No caso clínico apresentado neste trabalho, a criança lança mão da escrita para expressar sua subjetividade. Como afirma a autora acima citada, desde a era das cavernas o homem desenha, no entanto, o desenho ainda não é letra, com isso surge a escrita dando corpo ao saber suposto do sujeito.

De acordo com Ribeiro (2013), a psicanálise com crianças desafia a própria psicanálise porque as crianças falam com ações. O agir da criança em análise não é ato, é uma fala, podendo ser expressados nas brincadeiras. Por isso a dificuldade de se estabelecer limite entre o agir de brincar do que é associação livre, significativa, e o ato que toca o real. Lacan, afirma que o ato marca um antes e um depois. O ato da analista no caso clínico foi fundamental para virada de análise do sujeito.

O Nome-do-Pai que sustenta a criança e o desejo inconsciente são determinadas pela lei. O neurótico é aquele que crê, e chega ao analista com a questão, na histeria "sou homem ou sou mulher?", ou, nos obsessivos "estou vivo ou estou morto?". (MIRANDA, p. 84, 2011).

A partir dessa afirmação, podemos apontar no caso clínico a forma como a criança se representa nos desenhos, cercado por objetos fálicos e vestido de mulher, sua dúvida também poderia ser "sou homem ou sou mulher", o que é pertinente a suas questões à falta e, faz pensar na hipótese estrutural de histeria.

Para finalizar, podemos verificar que nesta família a aprendizagem é uma questão. O pai que terminou os estudos depois de adulto, a mãe estava retornando a estudar, e ambos se preocupam com a educação do filho. Assim podemos dizer que sua questão envolve uma demanda de amor ao pai e a rivalidade com o irmão caçula. O menino perdido que exclui a mãe e batalha em nome da atenção, no início do processo analítico não ganhou a batalha escrita no livro, mas consegue

passar de ano na escola evidenciando que sua questão não coincidiria com a questão dos pais e da escola.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Cruz; OLIVEIRA, Lilian. A psicanálise com crianças: transferência, interpretação e ato. In: CERQUISE, Miranda; MIRANDA, Elisabeth da Rocha. **A clínica do ato**. Sete Letras 1ed. Rio de Janeiro, 2013, p. 133-139.

DOLTO, Françoise. (1985). **Seminário de Psicanálise de crianças**. Zahar. 1985

DUARTE, Lenita Pacheco Lemos. A criança sintoma e o sintoma da criança. **Revista Marraio**, Edição: da infância a adolescência. Formações clínicas do Campo Lacaniano, p. 65-72, 2001

FERRARI, A. G. (2012). **Sintoma da criança, atualização do processo constitutivo parental?** *Tempo psicanal.*, 44(2), pp. 299-319. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v44n2/v44n2a04.pdf>>. Acesso: 10 de Jan 2017

FINGER, Sheila Skitnevsky. **Imigração e sintoma na clínica com famílias**. Contextos Clínicos, 1(2), pp. 73-77.(2008). Disponível em:<[Http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-822008000200003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-822008000200003)>. Acesso: 12 de Jan 2017.

FREUD, Sigmund. **O Complexo de Édipo** (Edição Standard Brasileira das Obras de Sigmund Freud ed., Vol. XIX). Rio Janeiro: Imago. 1996 Obra originalmente publicada em 1924.

FREUD, Sigmund. **Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos** (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud ed., Vol. XIX). Rio Janeiro: Imago.1996. Obra originalmente publicada em 1925.

FREUD, Sigmund. **Dois histórias clínicas**: o "pequeno Hans" e o "Homem dos Ratos". (Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud ed., Vol. X). Rio Janeiro: Imago. 1996. Obra originalmente publicada em 1909.

FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria. Três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos**.(Edição Standard Das Obras Completas de Sigmund Freud ed., Vol. VII). Rio de Janeiro: Imago.1996. Obra originalmente publicada em 1905.

KAMERS, Michele; BARATTIO, Geselda. **O discurso parental e sua relação com a inscrição da criança no universo dos pais**. Psicologia ciência e profissão, 24(3), pp. 40-47. 2004. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v24n3/v24n3a06>>. Acesso: 12 de Jan.

KRUEL, Sandra Seara. **Criança e discurso: a ética da psicanálise** - O valor do lugar simbólico que a criança ocupa, ao nascer, na constituição do sujeito: meninos destinados a se tornar em bandidos? *Epistemo- Somática*, 4(1), pp. 110-118. 2007. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epistemo/v4n1/v4n1a11.pdf>>. Acesso: 15 de Jan 2017.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.1998.

LACAN, Jacques. **O Seminário- livro 11**: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.1964.

LACAN, Jacques. **Dois notas sobre a criança**. Ornicar? Revue du champ freudien. abril-jun. Disponível em: <<http://acpsicanalise.org.br/docs/duas-notas-sobre-crianca.pdf>>. Acesso: 20 de Jan 2017

MARTINHO, Maria Helena. Dona encrenca: a questão do imaginário na direção do tratamento. **Revista Marraio**, Rio de Janeiro, Edição: da infância a adolescência - formações clínicas do campo Lacaniano, p.73-79, 2001

MIRANDA, Elisabeth da Rocha. Revisitando os clássicos: Françoise Dolto. **Revista Marraio**, Edição: da infância a adolescência. Formações clínicas do Campo Lacaniano Rio de Janeiro, p.81 – 90,2001.

POLLO, Vera. Ato da escrita. In: CERQUISE, Miranda; MIRANDA, Elisabeth da Rocha. **A clínica do ato**. Sete Letras 1ed. Rio de Janeiro, 2013, p. 31-37.

RIBEIRO, Maria Anita Carneiro. Ato e interpretação. In: CERQUISE, Miranda; MIRANDA, Elisabeth da Rocha. **A clínica do ato**. Sete Letras 1ed. Rio de Janeiro, 2013, p. 89-92

SOLER, Collete. **que Lacan dizia da mulher**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.2005.

WHITAKER, Christiane. **O sintoma da criança como efeito do gozo materno**: entrevistas preliminares. *Estilos da Clínica*, 8(15), p. 124-139. 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282003000200010>. Acesso: 15 de Jan 2017.